

Situação-psicodrama

Conceitos para
entender a cena

Geraldo Massaro



SITUAÇÃO-PSICODRAMA

Conceitos para entender a cena

Copyright © 2026 by Geraldo Massaro

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Marina Vitale**

Preparação: **Samara dos Santos Reis**

Revisão: **Marina Vitale**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Pequenas questões introdutórias (Aquecimentos) . . .	9
Introdução	13
1. A cena	15
2. O real e o imaginário	27
3. Os referenciais da situação-psicodrama	35
Referências	75

PEQUENAS QUESTÕES INTRODUTÓRIAS (AQUECIMENTOS)

FEBO: O QUE É esse negócio que você faz, o tal de psicodrama?

Eu: Entre outras coisas, uma forma de psicoterapia que usa técnicas de teatro.

Febo: E o que é psicoterapia?

Eu: Relações humanas para ajudar as pessoas a se conhecerem e se transformarem.

Febo: E o que são relações humanas?

Eu: Febo, você não está exagerando nessa perguntação?

Febo: Pode ser, mas eu continuo sem saber o que é psicodrama.

Febo morreu num “acidente”. Errou na dose. Mas, enquanto estava vivo, a gente ria quando se lembrava desse começo da psicoterapia.

A pessoa diz: “Hoje à noite vou ao teatro”. De certa maneira, ela está errada. O teatro não é um local. É uma junção da peça, dos atores, da plateia... e tantas outras coisas. Talvez o certo fosse dizer: “Hoje à noite eu vou ser teatro”.

Fazer ciência é como uma corrida de bastão. Você pega o bastão aqui e leva para o outro, que leva para o outro, que leva para o outro — e assim por diante. Você pode pegar um bastão e carregá-lo igualzinho aos outros, e estará levando conhecimento. Mas você pode levar o bastão modificado, e então estará produzindo conhecimento. Bom ou mau, mas novo.

O cara está na missa rezando. Ele acredita que está falando com Deus. Para a cultura, é um cidadão do bem, centrado, modelo. Mas se ele ouvir Deus responder, será internado. No psicodrama, não. Aqui a gente pode falar com Deus, com gente morta, com pessoas que não conhecemos, com a Mulher-Maravilha, até com uma árvore. Certa vez, numa encenação, falei com um caramujo. No psicodrama, usando seu imaginário, você pode fazer quase tudo!

Em 1956, uma organização ligada à Organização das Nações Unidas (ONU) pediu a alguns sociólogos importantes que delineassem o que seria uma sociedade ideal.

Dos quatro requisitos principais, um era que as pessoas pertencessem a pequenos grupos.

Mas, afinal de contas, o que é o psicodrama? Talvez existam tantos psicodramas quantos existam psicodramistas. (Prometo que é a última vez que uso esse purismo.) Neste texto, vou explicar o que acho que seja. Estou pegando o meu bastão e vou tentar entregá-lo a alguém.

Existem o psicodrama terapêutico e o psicodrama socioeducacional, como o institucional, o pedagógico e o organizacional. Como sou terapeuta, é esperado que me dirija mais a essa dimensão, mas acredito que as conclusões descritas possam também ser levadas ao aplicado. Não remeter a essa divisão o tempo todo é apenas uma postura prática.

Em outro livro, *E se o psicodrama tivesse nascido no cinema?* (2014), apresentei o conceito de *situação-psicodrama*. Alguns amigos psicodramatistas e até uns amigos psicanalistas pediram para que eu o ampliasse. Achei que valia a pena. Aqui há retalhos de outros textos. Era inevitável. Procurei reduzi-los para não desgastá-los.

Imagine que na sua casa exista um objeto de arte, um adorno, como uma estátua de metal de Dom Quixote ou um quadro que seu filho pintou. Agora imagine que você tira esse objeto do lugar e o coloque em outro local. As pessoas podem nem perceber, mas a casa não será mais a mesma. Algo mudou.

Este livro foi escrito para tirar as coisas do lugar. Pelo menos as minhas coisas do meu lugar. Espero que de alguns de vocês também.

INTRODUÇÃO

IMAGINEM A ESTRUTURA DE um cinema. A tela lá na frente. As poltronas em plano inclinado, para que se possa enxergar melhor a tela. Espaço entre a primeira fila e essa tela. Corredores de entrada com possíveis tapetes. Pé-direito muito alto. Caixas de som espalhadas. Porta corta-fogo. Luzes intensas laterais. Placa ou flecha apontando a saída.

Agora imaginem uma sessão nesse cinema. Luzes apagadas, projeção de imagens na tela, música de fundo que sai das caixas de som. Ali atrás, um casalzinho aproveitando o escuro para namorar. Um quase obeso comendo pipoca e fazendo barulho. Gente na fila de trás dele reclamando do barulho. Uma menina chorando lá na frente, emocionada com o filme. O velho do bonezinho quase dormindo, enquanto a mulher dele tenta acordá-lo com cutucões.

No texto “A psicologia da experiência cinematográfica” (2018), o psicólogo alemão Hugo Mauerhofer descreve interessantes aspectos desse acontecer cinematográfico no psiquismo de um espectador: o sujeito, dentro do cinema, se isola do mundo exterior, numa fuga voluntária da realidade cotidiana e de seus possíveis fardos. Dentro do cinema, na penumbra, facilita o uso da imaginação, ao mesmo tempo que modifica sua dimensão do espaço. Estando anônimo dentro da sala, não estabelece contato com os artistas nem com os circundantes, o que pode facilitar interiorizações. Nesse contexto, o inconsciente torna-se mais presente, ativando o arsenal de repressões e facilitando o aparecimento de fantasias reprimidas.

Coisas que acontecem durante a sessão. Uma coisa é a estrutura da sala, outra os acontecimentos dentro dela.

O que estou chamando de situação-psicodrama são os acontecimentos, seja numa sessão de terapia ou numa encenação do socioeducacional.

Procuro, junto com vocês, entender um pouco as condições, os jogos de força, as inter-relações, os sentimentos e tantas outras coisas que acontecem nessas dimensões. Ou, em outras palavras, quais são as principais determinações desses acontecimentos — em que dimensões eles se inserem.

Acredito que isso ajude as pessoas a entenderem um pouco mais o nosso trabalho.

1 | A CENA

*As pessoas não querem superar a realidade,
querem expô-la. Reexperimentam-na,
são os seus donos.*

— J. L. Moreno, *Psicodrama*, p. 77

MAIS QUE NUMA ÉTICA psicodramática, mais que em sua ideologia, mais do que no uso do corpo, mais do que nos cinco instrumentos do psicodrama que Moreno delineou, mais que em qualquer teorização especial ou aspectos técnicos, é na cena que se encontra a invariante principal do psicodrama.

Quaisquer que sejam as diferentes formas de se fazer psicodrama, todas passam pela cena. Todo psicodramatista é um diretor de cena.

Nos processos individuais, ela pode ser apenas virtual, mas estará lá.

Assim, a cena é uma porta aberta para se entender o psicodrama.